



Senhor, ajudai-nos! Concedei-nos a paz, ensinaí-nos a paz, orientai-nos rumo à paz. Abri os nossos olhos e os nossos corações, e incuti-nos a coragem de dizer: “Nunca mais a guerra!”; “com a guerra tudo está destruído!”. Infundi em nós a coragem de realizar gestos concretos para edificar a paz. Tornai-nos disponíveis para ouvir o clamor dos nossos cidadãos que nos pedem para transformar as nossas armas em instrumentos de paz, os nossos temores em confiança e as nossas tensões em perdão. Assim seja! **PAPA FRANCISCO**

CRISTÃOS PERSEGUIDOS

Há mais cristãos perseguidos hoje do que nos primeiros séculos, afirmou o Papa Francisco durante Missa no último dia 30 de junho, em memória dos Mártires da Igreja de Roma, assassinados no ano 64 por ordem do Imperador Nero, após o incêndio de Roma

FRANCISCO, conhecendo o chão do mundo em que pisa, denunciou: “Hoje há tantos mártires na Igreja, tantos cristãos perseguidos. Pensemos no Médio Oriente, cristãos que têm que fugir das perseguições, assassinados pelos seus perseguidores. Também os cristãos mandados embora de modo elegante, com luvas brancas: também isto é uma perseguição. Hoje há mais testemunhas, mais mártires na Igreja do que nos primeiros séculos”.

Existem países em que ser cristão não é tão simples como no Brasil. Diácono Geraldo Trindade, da Arquidiocese de Mariana - MG, recorda que “a perseguição não é somente física, o chamado martírio de sangue. Outras formas de

perseguição se espalham e marcam profundamente a vida das pessoas”.

Berço do Cristianismo

Um ditado popular diz que a corda sempre arrebenta do lado do mais fraco, e, no Oriente Médio, a minoria cristã é este lado. Os cristãos estão lá praticamente desde a época de Cristo, são a menor parcela da população e não constituem uma realidade uniforme. São ritos diferentes e Igrejas autônomas, não formam um grupo social ou etnia, são vulneráveis e estão distribuídos entre Iraque, Síria, Líbano, territórios palestinos e Egito.

O Papa Francisco, na Praça de São Pedro, no domingo 20 de julho, disse estar preocupado com as perseguições no Oriente Médio e em outras partes do mundo. Segundo o Pontífice, “essas comunidades, desde o início do Cristianismo, viveram com seus cidadãos oferecendo uma contribuição significativa para o bem da sociedade. Hoje são perseguidas. Os nossos irmãos são perseguidos, são expulsos, devem deixar suas casas sem ter a possibilidade de levar nada consigo”.

“Hoje está sendo muito delicado um cristão viver no Oriente Médio. É um ambiente muito instável devido aos conflitos constantes e acirrados. O berço do Cristianismo está habitado por gente que não nos quer lá”, declara Isaac Souza, monge brasileiro que vive na Síria.

No Iraque, a mudança de regime abriu a perseguição dos cristãos que somam 2% da população. Em Israel e nos territórios palestinos, os batizados são uma minoria que está sempre diminuindo. No Líbano, a lei determina que o presidente seja cristão como 40% da população. Na Síria, em três anos, a guerra civil já fez mais de 170 mil mortos e um milhão de refugiados. No Egito, que já sofria com ataques anticristãos, a Primavera Árabe não trouxe flores e sim o êxodo e destruição de comunidades cristãs. Também na África, em alguns países, existem dolorosos atritos.

Terra dos mártires

A terra dos mártires está no coração do Oriente Médio. Na Síria, Maalula, ao norte da histórica Damasco, é uma pequena cida-

de encravada nas montanhas. Há mártires naquela terra desde setembro de 2013, quando o terror, a destruição, os saques e os sequestradores se instalaram nela deixando mortos e feridos por causa da fé. Aos microfones da Rádio Vaticano, o Patriarca Latino de Jerusalém Fouad Twal denunciou: “Este foi um ataque simbólico, porque Maalula é verdadeiramente um símbolo para a cristandade representada nessa região. Tanto é verdade que em Maalula não somente existem antigos mosteiros, mas seus habitantes falam aramaico, a língua de Jesus”.

Isaac Souza vive em Ma'arrat Seydnaya, próxima a Damasco, e conta que o clima de insegurança da guerra ronda constantemente os habitantes da Síria. O monge recorda, como exemplo, que recentemente o governo do país pediu que todos os estrangeiros que possuíssem aparelhos de telefonia celular deveriam se apresentar na sede da operadora em posse do equipamento e de documento de identificação. Cumprindo este dever, o monge foi surpreendido: “Fui sem batina, na esperança de não chamar tanto a atenção das pessoas, mas esqueci a barba grande e fui confundido com um terrorista. A polícia entrou na companhia de telefonia com metralhadoras apontadas para mim. Ainda bem que estava acompanhado de um amigo do mosteiro que falou em árabe e tudo foi resolvido”.

Por prudência muitos se deslocam, pois a permanência é arriscada: “Aqui, padre não é bem-visto e nem bem-vindo. Quando visitei a cidade de Homs, fiquei surpreso ao saber que lá uma igreja foi invadida por extremistas e o padre jesuíta holandês Frans van der Lugt foi assassinado. Temos que ter prudência e evitar lugares de risco”, acrescentou Souza.

Atitudes cotidianas como celebrar Missas ou sair para estudar

oferecem perigos. O monge Isaac recorda um momento de tensão em sua comunidade quando um adolescente foi sequestrado enquanto ia para a escola. “O menino contou que os sequestradores ofereceram comida, mas ele recusou, disse que estava fazendo jejum pela conversão deles. A família ficou muito tensa, demos apoio e ele foi libertado de noite. Depois de pouco tempo a família voltou para sua terra natal, o Iraque”.

Crer e permanecer

Em novembro de 2010, o sangue de 46 pessoas banhou a Catedral Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na capital do Iraque. No fim de junho deste ano, mais de 200 famílias fugiram da cidade de Qaraqosh, de maioria cristã, empurradas pelo grupo terrorista que vem ocupando o Iraque e parte da Síria. Entre os poucos que permanecem na cidade está o arcebispo Yohanna Petros Moshe que denuncia: “O mundo não pode fechar os olhos diante do drama de um povo inteiro fugitivo das próprias casas em poucas horas, levando consigo somente as roupas do corpo”.

Em meados de julho, houve uma fuga em massa de cristãos que vivem nos arredores de Mossul, a maior cidade cristã iraquiana, engrossando o êxodo para o Curdistão. Em um comunicado, os extremistas anunciavam três opções aos cristãos: “o Islã, a *dhimma*, e se eles recusarem essas duas opções, resta apenas a espada”. *Dhimma* significa “proteção” e permite a não-muçulmanos viver em seu território, com rígidas regras e o pagamento de altos tributos, que se não pagos levam à morte.

O Iraque passou por guerras com os vizinhos e conflitos internos nas décadas de 1980 e 1990, contudo, depois da chamada Segunda Guerra do Golfo (2003-2011), começaram perseguições abertas. As tropas estadunidenses partiram em 2011 sem deixar a pro-

“Hoje está sendo muito delicado um cristão viver no Oriente Médio. É um ambiente muito insustentável devido aos conflitos constantes e acirrados. O berço do Cristianismo está habitado por gente que não nos quer lá”

Monge Isaac Souza



Fotos: UNRWA



Cristãos iraquianos fogem apenas com a esperança nas mãos

metida estabilidade. Acredita-se que, até a ocupação americana, os cristãos chegavam a um milhão no país; hoje, não somam 500 mil.

Situação semelhante se vê no Egito, onde antecedeu a Primavera Árabe, que chegou em janeiro de 2011 ao país, um ataque à igreja dos Dois Santos, em Alexandria, que resultou na morte de 21 pessoas. Quando veio a revolta popular, não houve primavera para todos, sobretudo os grupos minoritários como os cristãos, que formavam aproximadamente 10% da população e são hoje a maioria dos exilados. Estima-se que mais de 100 mil já tenham deixado o país depois de assassinatos e incêndios em igrejas e escolas.

Dor de muitos

Toda a população sofre com os conflitos. Cristãos, muçulmanos, judeus, estrangeiros e grupos minoritários ficam entre os atritos e as manipulações políticas. Os muçulmanos não são inimigos dos cristãos: mesmo que grupos extremistas se intitulem islâmicos, não é um atrito de cunho religioso, há manipulação política e “muitos interesses em jogo. E os interesses, não são para o bem do povo local”, afirma Souza.

Do extremo do continente africano, o Padre Mario León Dorado, responsável pela Prefeitura Apostólica do Saara Ocidental, afirmou para esta revista que “a convivência com os islâmicos é possível e desejável. Sem dúvida há limitações. Digamos que existam linhas vermelhas que tratamos de não cruzar. Com os muçulmanos eu convivo e trabalho sem problemas”.

Há relatos de fiéis islâmicos que defendem cristãos no Egito. E segundo a agência de notícias Fides, de Roma, em junho, depois da ocupação por grupos armados da cidade de Mossul, no Iraque, muçulmanos locais evitaram saques e depredações em igrejas. “No mosteiro em que estou, temos uma boa relação com

muçulmanos e os líderes das mesquitas. O mal são os radicais”, explicou Souza, falando sobre a Síria.

O bispo brasileiro Dom Pedro Carlos Zilli vive em Guiné-Bissau e informou aos microfones da Rede Milícia Sat que “há uma vivência de uma boa harmonia entre cristãos e muçulmanos. Em determinadas ocasiões, como nos primeiros dias de janeiro, por ocasião do Dia Mundial da Paz, católicos, evangélicos e muçulmanos nos reunimos para pedir ao Senhor, o dom da paz”.

Existe uma boa convivência, contudo, no território anexado ao Marrocos, Padre Mario não carrega o crucifixo e nas igrejas não se tocam sinos. “Muita gente se ofenderia se levássemos a cruz com o Cristo... não tocamos sinos. Na realidade, a quem chamaríamos? Os cristãos são poucos”, afirma o religioso que está numa área com mais de 800 mil habitantes, dos quais somente 120 são cristãos.

Já Guiné-Bissau conta com aproximadamente 10% da população cristã e garante liberdade religiosa. “Entretanto, as pressões familiares, étnicas e até mesmo políticas não faltam”, indica Dom Zilli que há quase 30 anos está como missionário na África.

Paz e testemunho

Padre Mario com outros dois sacerdotes Oblatos de Maria Imaculada anima duas pequenas paróquias, o que restou do Cristianismo na antiga colônia espanhola varrida pela Marcha Verde, em 1975. Eles relatam o que é ser uma minoria: “Aqui somos poucos, somos pobres, somos ‘pequeños’. Os cristãos buscam ser ‘significativos’ não pela quantidade ou pelo peso do grupo, dos meios... mas pela autenticidade do nosso testemunho do Espírito Santo que atua em meio a nós e em meio à sociedade que nos acolhe”. Lá não há perseguições e ser minoria não é problema. “Ser cristão é ser cristão! Aqui se realça o básico: seguir Jesus Cristo, viver o Evangelho, colocar-se ao serviço dos irmãos, sejam estes cristãos ou muçulmanos”, explica Padre Mario, que há uma década está no antigo território espanhol.

Tertuliano, pensador cristão do século II, escreveu que “o sangue dos mártires é semente de novos cristãos”, desta forma cabe a solidariedade na oração para com os perseguidos e a consciência de que “na história da Igreja não faltará jamais paixão e perseguição, mas, a partir delas e pelo testemunho, muitos crerão. Se aceitamos a cruz ela se converte em bênção”, como recorda Diácono Geraldo Trindade.

Diante do cenário atual, Dom Carlos Zilli aponta que “são muitos os que sofrem e são mortos pela fé em Cristo. Eles são sementes de uma nova humanidade”.

PAULO TEIXEIRA

Jornalista